

REQUERIMENTO N° , de 2013 – CRE

Requeiro nos termos do Regimento Interno do Senado Federal, a realização de Audiência Pública no âmbito desta Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, para debater as relações comerciais no âmbito do Mercosul.

Considerando a motivação da Audiência Pública requerida, recomendo a presença dos seguintes convidados:

- **Roberto Giannetti da Fonseca** – Diretor-titular de Relações Internacionais e de Comércio Exterior da Fiesp;
- **José Augusto Fernandes** – Diretor Executivo da CNI;
- **Embaixador Antônio José Ferreira Simões** – Subsecretário-Geral de América do Sul.
- **Embaixador Sérgio Amaral** – Diretor do Centro de Estudos Americanos da FAAP;

JUSTIFICAÇÃO

No dia 25 de abril do corrente ano, a presidente Dilma Rousseff realizou visita oficial à presidente da Argentina, Cristina Kirchner. Na pauta prevista estava a discussão de investimentos, a possível reintegração plena do Paraguai ao Mercosul, bem como temas comerciais, incluindo aqui o comércio bilateral e o mau ambiente para empresas brasileiras instaladas no país vizinho. Segundo a edição da *Isto é Dinheiro* do dia 16 do mesmo mês, entretanto, a tarde de reunião não resultou em nada concreto.

A relação bilateral Brasil-Argentina vive hoje um dos seus mais conturbados momentos no campo econômico. Já atingidas por uma queda no ano passado, as exportações brasileiras para o país vizinho retrocederam ainda mais no primeiro trimestre deste ano de 2013, recuando 10,5% no primeiro trimestre em comparação com o ano passado.

Em contrapartida, as importações argentinas, de forma geral, aumentaram 5% neste mesmo trimestre. Em parte, o número se explica pelo déficit energético do país, que aumentou as importações de óleo diesel. Mas a importação de bens de consumo e capital também aumentou, em um cenário de “afrouxamento” das Declarações Juradas de Antecipação de Importações (DJAI). E, quem se aproveitou dessa brecha foi a China, país que concorre com o Brasil em vários setores, e com os custos mais competitivos.

Segundo o jornal Valor Econômico de 24 de abril, enquanto o Brasil exportou menos, as importações provenientes da Argentina reagiram e cresceram 16%. Depois de um superávit que chegou a US\$ 5,7 bilhões com a Argentina no ano de 2011, o Brasil teve déficit no primeiro trimestre deste ano de US\$ 82 milhões. Nas exportações brasileiras, cinco dos sete setores com maior volume de compra pela Argentina registraram queda em relação ao ano passado, incluindo veículos e autopeças e aparelhos mecânicos e eletrônicos, setores que mais rendem divisas à balança comercial. Além disso, alguns produtos estão há mais de 400 dias sem conseguir entrar em solo argentino devido a mecanismos de controle das importações.

Ainda de acordo com a supracitada reportagem, o encolhimento do comércio bilateral também seria reflexo do resultado de empresas brasileiras instaladas na Argentina. Elas estariam reduzindo o nível de atividade por não conseguirem enviar remessas ao Brasil e por encontrarem dificuldade em pagar empréstimos, uma vez que vigora a

regra do “um por um”, que prevê que para cada dólar que saia do país, um deva entrar.

Com tal cenário, empresários brasileiros afirmam que, assim como o comércio bilateral, a paciência vem se deteriorando. A Vale já deixou claro que não pretende retomar o projeto para exploração de potássio na província de Mendoza. A Petrobras também pode vender sua parte na refinaria Tesa. Outras grandes empresas, segundo a Isto É, devem seguir o mesmo caminho.

Pela importância do tema proposto para a salutar relação entre os integrantes do Mercosul, é que peço aos meus pares a aprovação deste requerimento.

Sala das Sessões,

Senador **Ricardo Ferraço**